

AS FESTAS ESCOLARES NA PARAHYBA: UM SENTIMENTO PATRIÓTICO¹

Isabel Moura Loureiro

Eli Brandão da Silva Junior

Eli Brandão da Silva (Coordenador)

Ao ser instaurada, a República traz consigo novos ares de mudança, pois a sociedade almejava esquecer o seu passado imperialista para dar início a um novo tempo. Neste novo tempo, surgem os primeiros carros, a energia elétrica e diante de todo esse processo de mudança, a sociedade também passa a se adequar ao novo momento e a dar ênfase a fatores, outrora enfraquecidos.

Neste novo período, este ambiente de reestruturação, urbanização e modernização do país, abriu espaço para uma mudança em vários setores das cidades, como as praças, as ruas e também as escolas. Neste contexto, as modificações não ocorreram apenas fisicamente e estruturalmente, mas também, a sociedade despertou um sentimento enfraquecido pelo império, de patriotismo e de afirmação do poder público. Diante disto, o governo do Estado da Parahyba, durante o período que foi estudado, 1913 a 1919, promoveu diversas festas de cunho cívico ou não, mas que visavam a valorização e o engrandecimento do governo. Festas estas retratadas no jornal *A União* do período já mencionado, que deu margem a análise que segue.

Das festas analisadas através do jornal, foi possível destacar algumas de grande importância, como a festa de re-inauguração do Lyceu Parahybano que é relatada no jornal *A União* de 4 de Abril de 1913. Essa festa ganhou destaque nos jornais, por se tratar da reabertura da grandiosa instituição de ensino na Paraíba, que a muito, havia sido deixada de lado pela sociedade paraibana da época. Como forma de recuperar o seu prestígio, esta festividade ocorreu em meio a grande luxuosidade, e contava com a presença de ilustres figuras da política paraibana, como o presidente do Estado, Castro Pinto (1912-1916), o diretor do Lyceu, Thomaz Mindello, secretário da educação, Francisco Xavier, entre outros.

A solenidade tem início, com a inauguração do retrato do presidente do Estado Dr. Castro Pinto, a quem deve-se os méritos de reabertura do Lyceu Parahybano, unido a outros nomes. Ao dar início a cerimônia, como era de costume da época, é executado, pela banda da Força Policial do Estado o hino nacional, podendo desta forma se perceber o caráter de afirmação nacionalista que se encontrava a Parahyba de 1913. Logo em seguida, dá-se início a sessão extraordinária, dentro do prédio do Lyceu, onde muitos proferiram discursos

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático "História da Educação no Contexto da Cultura Histórica", durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

exaltando tanto a reestruturação do Lyceu Parahybano quanto a excelente administração o Dr. Castro Pinto, exacerbando ainda mais esse sentimento de apropriação do poder governamental sobre os símbolos público. O primeiro a proferir seu discurso foi o dr. Thomaz Mindello, diretor do Lyceu, como fora publicado no jornal A União de 04 de Abril de 1913, fala o dr. Thomaz Mindello:

“O sr. Dr. Thomaz Midello, director do referido estabelecimento, tomando assento á mesa de presidência da congregação, ladeado pelo exmo. Dr. Castro Pinto e pelo dr. Olavo Magalhães, pronunciou ligeira allocução, referindo-se, com visível e modesta diminuição de seus propios esforços, ao remodelamento do Lyceu, elogiando a mocidade Parahybana, que ocorreu, solicita, ao appêllo que lhe foi feito, matriculando-se nos seus cursos de sciencias e letras e do commercio.

O sr. Dr. Thomaz Midello referiu-se tambem aos assignalados serviços prestados pelo exmo. Sr. Dr. Castro Pinto, no intuito de restaurar efficazmente os créditos do instituto a seu cargo, bem como ás altas qualidades de carcter e de intelligencia que exortam apreciando-a, á personalidade do chefe do poder executivo do Estado.”

Em seguida fala o Dr. Castro Pinto, que discursará sobre à eficiência do Dr. Thomaz Mindello, sua espontânea vontade de estar a frente do Lyceu Parahybano e fazer com que este ganhe ares de grande instituição. Falou também sobre o ensino na Parahyba, sua missão a cargo da presidência do Estado e seus objetivos. Ao fim de sua fala, é dada a palavra ao orador da solenidade, Álvares de Carvalho. Este, em seu discurso, falou sobre o início de um novo tempo na Parahyba, sobre a era da modernização que se encontrava todo o país. Discursou ainda segundo o jornal A União, sobre o estado de decadência em que se encontrava o Lyceu parahybano, habitado por ratos e cupins, como afirma seu discurso publicado: *“Essas velhas arcadas conventuaes a tantos annos quase abandonadas ao convívio fraterno dos morcegos, dos ratos e dos cupins...”*. (A União de 4 de Abril de 1913). Entretanto, estava o Lyceu Parahybano a despertar, e seria esta festa que marcaria a volta deste aos seus tempos áureos, onde se notaria novamente o folguedo que já foi ouvido outrora dentro de seu prédio. Rendeu homenagens ao Dr. Castro Pinto e fez uma breve síntese de sua passagem como lente do Lyceu. Falou também, voltado para o Dr. Thomaz Mindello e elogiou seu esforço para com a renovação física e estrutural do Lyceu.

Terminado seu discurso, passou a palavra para o representante do corpo discente Deocleciano de Belli, aluno do quinto ano. Discorreu ele sobre a felicidade da classe estudantil em poder ver novamente o Lyceu Parahybano abrir as suas portas. Para não mais necessitarem sair do berço de sua cidade para procurar em outras localidades o direito ao conhecimento; e encerrou suas palavras com gratidão e enaltecimento às figuras de Castro Pinto e Thomaz Mindello.

A noite, ainda transcorreu a festa com uma marcha que saiu do prédio do Lyceu e foi percorrendo diversos bairros da cidade. A marcha foi puxada pala banda da Força Policial do Estado, que executou variadas peças de seu repertorio. O prédio permaneceu aberto ate às nove horas da noite, estando desde as 5 horas da tarde aberto para visitaçã do publico.

Estas passeatas, eram bastante comum nas festas de cunho cívico, de formaturas ou ainda, nas festividades que homenageavam algum nome da política local, como mostra a foto a seguir, ou externa. O percurso que transcorria as passeatas, em geral, eram o mesmo, seguindo apenas algumas alterações. O percurso mais comum percorrido passava pelas ruas Duque de Caxias, rua General Osório, antiga rua Nova, passava pelo Pavilhão do Chá entre outras ruas das redondezas. O principal fator de inclusão de determinadas ruas, era a presença de prédios públicos de importância significativa para a cidade. Por exemplo, o termino das passeatas geralmente se davam em frente do palácio do governo ou de onde saíra.

A festa de reabertura do Lyceu Paraybano ocorreu devido ao fato de que o Lyceu havia sido abandonado durante algum tempo, por conta da evasão da classe estudantil, que procurava ensino em outros estabelecimentos por todo o Brasil. Com isso, o Lyceu teve as suas funções encerradas. Mas a partir dos esforços do dr. Thomaz Mindello diretor desta instituição, unido ao presidente do Estado Castro Pinto, teve reaberta as suas funções.

O Lyceu Parahybano teve toda sua estrutura física e material, como carteiras e quadros, reformada, ocorrida de acordo com as propostas de reurbanização da cidade. Para que além da recuperação física do prédio, fosse recuperado também o orgulho da sociedade Parahybana em ver reaberta e em pleno funcionamento um marco da instituição escolar que estava sendo depredado pelo tempo e o esquecimento. “Agora, a mocidade sedenta de instrução, não tem mais necessidade de emigrar para outros Estados para mendigar o pão do espírito, esse pábulo sacrosanto que se chama instrução, que se denomina sciencia” (Jornal A União, 4 de abril de 1913).

Por ser o Lyceu, como já fora dito uma instituição de ensino de grande porte na Prahya, foi possível encontrar matérias das festas de aniversário do Lyceu Parahybano que transcorreu, como na última mencionada em meio a muita luxuosidade e com a presença de nomes importantes da política local. Assim descreve a festa, o jornal A União de 25 de Março de 1914.

“Marcada a grande festa cívica para as 19 horas, logo ao vir da luz affluíam ao Lyceu Parahybano muitas famílias do nosso escol social e cavalheiros da mais notória elevação de todas as classes desta capital.

O Lyceu illuminado exteriormente com grandes lampadas electricas na sua fachada, ostentava nos seus elegantes e confortáveis departamentos interiores, desde o gabinete do director, montado luxuosamente, até o saguão do recreio, uma artística e significativa ornamentação, em que se traduziam a intelligencia primorosa e a educação patriótica dos dignos moços que constituíram a comissão encarregada dos festejos.”

Seguindo o mesmo roteiro da ultima festa, neste trabalho já relatada, ocorreu uma série de discursos e em seguida foi proferida uma conferencia, pelo DR. Carlos D. Fernandes,

intitulada Noção de Pátria, que mais uma vez demonstra o caráter patriótico destas festas escolares.

Outro tipo de festa, que era evidenciado no espaço escolar eram as festas cívicas, comemorativas das grandes datas. Neste caso, destaca-se festa ocorrida na Escola Normal, por ocasião do recebimento pelo Governo do Estado da letra e música do hino da bandeira. Estas festas davam ao governo a responsabilidade de inculcar nas crianças e na mocidade escolar em geral um sentimento de amor a pátria como não se fora percebido tão fortemente nos últimos anos do império.

“O Governo do Estado acaba de receber a letra e a música do bellissimo hymno da Bandeira Nacional.

A banda da Força Publica do Estado vae tirar diversas copias e enviar a primorosa inspiração de um dos maiores musicistas brasileiros, afim de que possamos ouvir em coros infantis organizados pelas escolas publicas...

Esse cântico patriótico, bem como o da nossa independência, o da Republica e o da Parahyba serão dias determinados de cada mez, entoados ao som da musica marcial pelas escolas primarias de ambos os sexos, em edificios apropriados como exercicios de canto coral e educação cívica.

(...)

Honras sejam dadas ao governo genuinamente republicano, altruisticamente emprehendedor e amigo, que quer fazer do povo parahyano, uma nobre força, trabalhando pacificamente pela Republica e pela Pátria.” (A União de 17 de Janeiro de 1913).

Ao analisar esta publicação, evidencia-se que dentro dos prédios escolares foram realizadas diversas festas com o intuito de exaltar a Pátria e a República, fazendo com que estes prédios tornassem muito mais do que um ambiente escolar, um ambiente cívico.

Um outro exemplo da presença cívica dentro do ambiente escolar é a festa realizada na Escola Normal, publicada no jornal de 24 de Maio de 1913, A União. Esta festa realizou-se em comemoração à Batalha do Tuyuti e contava com a presença de ilustres figuras parahybanas.

A sessão foi aberta pelo Dr. Castro Pinto à uma hora da tarde, no prédio da Escola Normal. Discursou o Dr. Tavares Cavalcanti e o cel. João Lyra que falaram sobre o dia de 24 de Maio na história da Parahyba. No encerramento, o coral da Escola Normal do Grupo Escolar Modelo e das alunas primarias da Capital, executaram os hinos patrióticos.

Em se tratando mais uma vez das festas cívicas há de se destacar a festa comemorativa da data de fundação da cidade. Essa festa deu-se no prédio da Escola Normal, como afirma a publicação de 7 de Agosto de 1913 do jornal A União. Como era costume das festas época, a mesma aconteceu com a presença do presidente do Estado e de outras figuras da política e da educação. A festa ocorreu em meio a uma manifestação cívica realizada pelos alunos das escolas da Capital. Às seis horas da tarde, o Dr. Castro Pinto e outros, proferiram discursos e assistiram os alunos da Escola Modelo, Normal e primaria entoarem os hinos

patrióticos de um palanque montado na rua General Osório. Em seguida foi distribuído à mocidade, bombons, e a festa encerrou-se com vivas para a cidade.

Além das festas em comemoração as efemérides da Capital Parahybana, ocorreram também festas comemorativas a outras nações, também dentro do espaço escolar. Como é aludido na publicação de 16 de Julho de 1913, do jornal A União:

“Em comemoração ao 14 de Julho, ante-hontem transcorrido, realizaram-se nesta Capital imponentes festejos cívicos, em que tomarão parte todas as autoridades do Estado e representantes de todas as classes sociaes.

Pela manhã ao serem hasteada as bandeiras nos edificios em que funcçionam as repartiçõespublicas federaes, estaduaes e municipaes as musicas marciaes executaram a Marselheza e o Hymno Nacional.”

Mesmo não sendo uma data que afete diretamente a Parahyba, o dia então comemorado, retrata um período onde toda a humanidade se beneficiou com os ideais que foram apregoados durante a Revolução Francesa. Desta forma é realizada esta festa que ocorre dentro do Teatro Santa Rosa, com a participação dos corais das Escolas Normal e do Lyceu Parhybano que entoaram o hino Nacional e a Marselheza. Como era comum a época, ouviu-se longos discursos sobre o desempenho político na Parahyba, mas também o Dr. Alpheu Rosas, oficial do gabinete do Dr. Castro Pinto, proferiu um discurso sobre a importância da Revolução Francesa e sua repercussão, fez também uma análise sobre os ideais que deram margem a esta Revolução. A festa findou-se rendendo vivas à nação francesa.

No período a partir de 1915, não foi possível encontrar tantas matéria sobre as festas ocorridas na Parahyba, em primeiro lugar pelo fato de que os jornais de 1915 não se encontravam no arquivo publico do Espaço Cultural, em segundo lugar, nos jornais d’A União de 1916, estavam focados, para dois acontecimentos, as eleições para governador do Estado e A 1ª Guerra Mundial. Diante destes fatores, as matérias publicadas nos jornais foram reduzidas a um grande número.

Uma das últimas festas que ainda recebeu destaque em várias edições do jornal foi a festa das árvores, que tentava transpor para a mocidade escolar a importância e a necessidade das árvores no nosso convívio. Mostrando um cuidado do governo para que mais uma vez a sociedade ficasse alerta e cuidadosa com a cidade. Retratando mais uma vez, este sentimento de renovação, já proposto em que a sociedade deveria se unir ao governo, as causas de zelo e valorização das cidades.

“A cultura intellectual e a educação de um grupo de cidadãos comprehendem e mantêm o apreço ás árvores, junto ao Governo do Estado, encontraram o necessario accordo de vistas para uma propaganda bella, cheia de ensinamentos e promnissora de melhores dias para as nossas populações.

Um acolhimento gentil da parte dos que foram chamados a collaborar na utilissima Festa das Arvores...”

Houveram ainda festas promovidas pelo governo, que não ocorriam dentro do espaço escolar, mas que no entanto a presença do coral escolar, tanto do Lyceu Paraibano, quanto de Escola Normal, eram convidados a participar destes festejos, mostrando a importância das escolas para a cidade, como uma forma de destaque de todo este processo de transformação e modernização das cidades, no qual a escola possui um papel fundamental. Verifica-se portanto, que o espaço escolar era evidenciado como um espaço festivo, e que dentro deste contexto de festas escolares, estava incutido um sentimento patriótico e valorizador do poder público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. 3ª edição, Ed. Universitária / UFPB. Conselho Estadual. João Pessoa - PB, 1997

ALVES, Nilda. **O Espaço Escolar e Suas Marcas: o Espaço como dimensão material do currículo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998. 150p

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. **O lugar da escola na cidade**. Mimeo / Dez 2003.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim e **KULESZA**, Wojciech A. **“Escola e Modernidade na Paraíba”**. In: III Congresso de História da Educação. Educação Escolar em Perspectiva Histórica. Sociedade Brasileira de História e Educação / PUCPR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Nov 2004. Cbhe:\Documentos\Coord\Eixo4\490\pdf(CD Rom).

COSTA, Ângela Marques da. **SCHWRZ**, Lilia Moritz. Coord. **SOUZA**, Laura Mello. **1890 – 1914: No tempo das Certezas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. (Virando o Seculo).

KULESZA, Wojciech A. . **A Escola Normal da Paraíba na Primeira República**. João Pessoa/PB, 1999. (mimeografado)

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte:UFMG, 1999. 178p

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na primeira república**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 411p.

RODRIGUES, Walfredo. **Roteiro Sentimental de uma Cidade**. Editora A União, João Pessoa, 1994.

STUCKERT, Filho Gilberto Lyra. **Parahyba Capital em Fotos**. João Pessoa - PB, F&A, 2003. 195p.

STUCKERT, Filho Gilberto Lyra. **Parahyba Capital em Fotos**. João Pessoa - PB, F&A, 2003. 195p

TRAJANO FILHO, Francisco Sales. **Vanguarda e esquecimento: a arquitetura de Clodoaldo Gouveia**. Monografia de Graduação. João Pessoa: Curso de Arquitetura da Universidade Federal da Paraíba, 1999.

DOCUMENTOS:

Caixas do Arquivo da FUNESC – Fundação Espaço Cultural da Paraíba.

Jornal A União (1909-1929)

Provincial Presidential Reports (1830–1930). BRASILIAN GOVERNMENT DOCUMENT DIGITIZATION PROJECT. Disponível em <<http://www.crl.edu/info/brazil/provopen.htm>>

Livro de Leis e Decretos – Anos: 1912; 1913; 1922; 1924; 1925.

Atas da Assembléia Legislativa.